



INVERTER A INTERVENÇÃO

ANA BEATRIZ MAGNO, ANDRÉ HIPPERTT E FERNANDA DA ESCÓSSIA

Inverter a intervenção. Trocar os blindados e fuzis pela força da educação, do conhecimento, da arte e da ciência. Rejeitar soluções frágeis e temporárias e investir em políticas públicas com resultados sólidos e duradouros. Sem ingenuidade ou oportunismo. Essa é a resposta que emerge da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a intervenção militar que há duas semanas mobiliza tropas e espalha incerteza na cidade. A direção da Adufrj aponta os limites do modelo de segurança pública criado pelo governo Temer e quer mais do que apenas dizer não. Conclama a comunidade acadêmica a intervir na intervenção usando as armas - e os verbos - que ela pesquisa e nos quais acredita: educar e conhecer.

Inspirada por essa convicção, a Adufrj começa uma grande campanha. A primeira iniciativa já ocupa os muros do Canecão e conquistou o apoio de todas as entidades representativas de estudantes, professores e técnicos. Desde quinta-feira, uma

faixa de 24 metros quadrados assinada por Adufrj, Sintufrj, DCE, APG (Associação de Pós-Graduandos) e Andes propõe, com criatividade, a inversão dos modelos de ação das forças de segurança. A ideia é ser uma obra aberta às diversas interpretações que a complexidade do tema exige. Com a parceria da reitoria, a campanha ocupará outros espaços da universidade e da cidade. A Universidade é múltipla e seus pesquisadores atuam historicamente em áreas conflagradas pela ausência do Estado. Hoje existem 98 projetos de extensão mantidos pela UFRJ em comunidades. “Precisamos mais. O Rio de Janeiro precisa mobilizar todos os saberes para construir a paz e garantir a democracia”, resume o vice-presidente da Adufrj, professor Eduardo Raupp. A seguir, um boletim especial com oito páginas, seis delas dedicadas a imagens e reflexões que mostram a urgência de inverter a intervenção e intervir de modo ativo na construção da paz.

UMA INTERVENÇÃO NO CAMINHO DA ESCOLA

FOTOS FERNANDO SOUZA



As violações de direitos humanos são constantes na favela. Toda nossa rotina gira em torno do medo e da angústia. Isso altera nosso cotidiano e afeta nossa saúde mental. Hoje teve tiroteio. Minha mãe foi revistada na rua. São cenas cotidianas.

MATHEUS ROCHA
22, aluno de Jornalismo e morador da Cidade de Deus



Está assustador, vejo as pessoas sendo abordadas na rua. Olham para todo mundo, a gente tem uma sensação de medo. Eu me pergunto como vai ser quando as aulas da faculdade começarem.

ANDREW MOURA DE AGUIAR
23, aluno de Licenciatura em Dança e morador do Complexo do Alemão



As imagens capturadas pelo fotojornalista Fernando Souza gritam o que as autoridades não escutam: que há escolas, estudantes, professores **no meio do caminho** da intervenção. Ou, com a licença de Drummond, que a intervenção é **a pedra no caminho** do colégio. Por quatro horas, no dia 27, o repórter fotográfico percorreu a comunidade da Coreia, em Senador Camará, na Zona Oeste. Flagrou blindados e fuzis convivendo numa assustadora normalidade com estudantes uniformizados. É uma violência banalizada que já assusta estudantes da UFRJ moradores de áreas conflagradas. Bárbara Melo, aluna de Gestão Pública, não se conforma com o que vê da janela em Senador Camará. “Nunca morei numa casa que não tivesse uma marca de bala no portão”, lamenta. Perto de sua casa, por coincidência - ou por nenhuma coincidência - o grafite que inspira a campanha da Adufrj contra a intervenção se repete na cena de um menino de uniforme e mochila passando ao lado de soldados do Exército, em frente a um muro, emoldurado pelo abraço do Cristo Redentor.



■ Nunca morei numa casa que não tivesse marca de bala no portão. Nasci e moro em Senador Camará, perto da comunidade da Coreia. Para ir ao mercado, pegar trem, ir para a faculdade ou voltar, tenho que passar por áreas onde há tráfico e conflito com a polícia. Quando tem guerra do tráfico dá muito medo. Já dormi no chão com medo de entrar uma bala aqui na minha casa. Ou então a gente vai para um cômodo da casa sem janela por causa dos tiros.

Tenho muito medo quando estou chegando em casa e a polícia está chegando na comunidade também, e tem tiroteio. A gente não sabe se volta - e podem pensar que você fez algo errado e está fugindo - ou se continua indo, com risco de cair no meio do confronto. O pior é quando tem guerra do tráfico, dá muito medo.

Entrei na UFRJ como cotista e curso Gestão Pública. Não tenho bolsa, mas passei agora numa prova para ser monitora de uma disciplina, aí vou ganhar bolsa. É curioso olhar a intervenção como moradora de comunidade e aluna desse curso. Política de segurança deve estar junto com outras políticas, como saúde, emprego e educação.”

BÁRBARA B. DE HOLANDA MELO
23, aluna de Gestão Pública na UFRJ



UMA UNIVERSIDADE NO MEIO DA INTERVENÇÃO



VLADIMIR CALISTO
46, técnico da POLI/COPPE

■ A UFRJ mudou minha vida. Estou aqui desde 1989. Eu morava no Complexo da Maré, e minha única perspectiva era trabalhar numa fábrica de velas. Foi quando a UFRJ criou um curso de aceleração da escolaridade e ao mesmo tempo profissionalizante. Ali, aprendi a profissão de torneiro mecânico. Os professores nos mostravam que a única forma de mudar nosso contexto era a educação. Quem terminou o curso teve oportunidade de continuar na UFRJ. Muitas vezes para quem está na Maré a universidade é algo inatingível. Quando eu vim para cá, vi que era possível. Fiz uma graduação, uma especialização e agora penso no mestrado. Hoje meu relacionamento com a Maré é também religioso. Sou servidor público e voluntariamente atuo como pastor. Minha graduação em Pedagogia me ajuda a incentivar os jovens para realizar o Enem e o ensino superior. Sou interventor pela palavra e pela educação. Essa é uma intervenção mais eficiente e duradora do que a das Forças Armadas. A intervenção da Educação não é passageira. O conhecimento é algo que a pessoa vai adquirir, vai desenvolver e vai passar para a sociedade.

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjrj.org.br

De música a agricultura urbana, de alfabetização a direitos humanos. Entre 2015 e 2017, a Universidade Federal do Rio de Janeiro desenvolveu 98 ações de extensão em favelas do Rio. Foram projetos, cursos e eventos. Segundo a PR-5, pró-reitoria responsável pelo setor, o total está subestimado, pois não inclui trabalhos realizados nos campi da universidade.

Para Maria Malta, a pró-reitora de Extensão, a intervenção pelo conhecimento inverte a lógica das intervenções belicistas: “Os trabalhos de extensão subvertem a lógica hierarquizada e elitista. Nada mais revolucionário que sair dos nossos locais de conforto e nos abriremos para aprender com a realidade”, argumenta a pró-reitora.

O Complexo da Maré, vizinho à Cidade Universitária, abriga 25 dos projetos de extensão da UFRJ. Entre eles, o de Musicultura, coordenado pelo professor Samuel Araújo, da Escola de Música, que investiga a musicalidade do cotidiano da comunidade.

“A Música é só o ponto de partida”, explica o aluno do Instituto de Matemática Diogo Nascimento, veterano do projeto e morador da Maré. “O que me prendeu foram as várias discussões sobre território que não teria a possibilidade de fazer em nenhum outro lugar”.

Para ele, a ocupação do Exército na Maré em fevereiro de 2014 foi longa e



MÚSICA NA MARÉ:
professor e alunos da UFRJ participam de projetos de extensão

cara. “Gastaram milhões, enquanto o cotidiano e a economia local foram sufocados. Os eventos musicais foram interrompidos”.

“A proporção de 55 soldados por morador não existe em nenhum serviço

daqui”, opina a mestrande de Antropologia Bárbara Assis, integrante do projeto e moradora da Maré. Para ela, a intervenção é sinônimo de “mais opressão”.

“A intervenção parece mais uma coisa de fora da favela do que de dentro”, ava-

FOTOS FERNANDO SOUZA



VLADIMIR CALISTO Orgulho de ser UFRJ

lia Rute Osório, estudante de Engenharia Ambiental e moradora da Maré. “Na Copa de 2014, foi uma quantidade chocante de soldados na primeira semana, que foi diminuindo aos poucos. Agora, nem isso vemos”. A estudante participa de outro projeto, o Muda Maré, que trabalha educação ambiental e agricultura urbana com crianças entre sete e doze anos, na Lona da Maré.

Na avaliação do professor da Escola de Música Samuel Araújo, coordenador do projeto da Musicultura, a experiência na comunidade desmente estereótipos: “Muitos dizem que a favela não está nem aí para política. Mas em festas e eventos culturais vemos grupos se manifestando sobre temas como a intervenção militar ou a legalização das drogas”.



SAMUEL ARAÚJO
professor da Escola de Música

■ A Maré é o local mais musical que eu conheço. Desde o funk às orquestras, sem falar das escolas de música evangélicas onde se aprende do trompete ao violino, são muitas as expressões musicais. Sempre recomendo aos amigos músicos de fora que venham conhecer o cenário musical local. Na Maré, os eventos musicais são diários, às vezes paralelos, reunindo massas de mil a duas mil pessoas. E há uma concentração única de pessoas que vivem da música. Estou na Maré desde 2003 e é um trabalho muito gratificante. Mas não estou otimista em relação à intervenção. Já vi ao menos três ações de controle do território e o que percebemos é a criação de uma expectativa de paz que não se cumpre. A sensação é de que não são ações feitas para solucionar a violência que aflige moradores (das comunidades) e a cidade como todo, mas medidas eleitoreiras. Não acredito em intervenção sem investimento e geração de renda. É isso que todos esperam”.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA CAMPANHA

■ É da rua que vem a inspiração para a campanha da Adufrj contra a intervenção no Rio de Janeiro. Mais exatamente, dos grafites do artista britânico Banksy. Num deles, uma menina revista um soldado, mudando a perspectiva de quem é alvo e autor da revista. Diante das cenas frequentes de revistas de moradores, inclusive crianças, em comunidades, o designer André Hippertt juntou ao soldado de Banksy uma aluna de escola pública no Rio. No aniversário de 453 anos da cidade, a proposta de inverter a intervenção através do conhecimento é a perspectiva da campanha da Adufrj. A faixa da Campanha já está nos muros do Canecão.



Debate cobra garantia de direitos

> **Evento organizado pelo Sintufrj discute intervenção. Especialistas alertam sobre abusos em comunidades**

ISABELLA DE OLIVEIRA
isabella@adufjrj.org.br

Professores, estudantes, servidores e intelectuais das áreas do direito e da segurança pública participaram de um debate sobre a intervenção federal organizado pelo Sindicato dos Técnicos da UFRJ na última quarta-feira, no auditório do CT. Celso Amorim, ex-ministro das Relações Exteriores nos governos Lula e Dilma e cotado para disputar o governo do Rio pelo PT, questionou: “Intervenções ocorrem a pretexto da situação humanitária. No Rio, houve uma narrativa sobre um suposto aumento da violência, mas que não é real e não justifica esse instrumento”.

Segundo Amorim, a medida atinge a Constituição. “Será um ataque direto às comunidades, às favelas, e cria para a política internacional não uma luta,



DEBATE DO SINTUFRJ Presidente da Adufrj e ex-ministro Celso Amorim refletem sobre segurança

mas sim uma guerra de classes na qual as populações mais pobres são tratadas como inimigas”, finalizou.

Para Nilo Batista, professor de Direito Penal, a intervenção resulta da crise de legitimidade do governo e do uso político da mídia. “Não gosto da palavra segurança pública porque em nome dela cria-se é a barbaridade. O que tem de ser garantido são direitos”.

A presidente da Adufrj, Maria Lúcia Werneck, destacou a relevância de discutir a intervenção. “Somos contra em princípio, porque a segurança pública não vai se resolver pela via militar”, afirmou. Maria Lúcia lembrou ações que a diretoria da Adufrj irá realizar nesta semana sobre a mesma temática, como a colocação de uma faixa em frente ao

Canecão, em Botafogo.

Neuza Luzia, coordenadora geral do Sintufrj, afirmou que os sindicatos devem colaborar para a luta em defesa da democracia, para além da luta corporativa. “A universidade precisa se envolver criticamente com o que ocorre no país”, disse.

MANIFESTO CONTRA INTERVENÇÃO

A diretoria da Adufrj participou na noite de quinta-feira, 1 de março, dia do aniversário de 453 anos do Rio de Janeiro, de reunião para criação de um manifesto e atividades contra a intervenção militar no Rio. Diversas entidades, entre elas o Andes, prepararam o documento e a programação. O encontro ocorreu no Sindjustiça-RJ.

ISABELLA DE OLIVEIRA



TEMPORAL NA LETRAS Queda de árvore e goteiras ameaçam início do semestre de 4,5 mil alunos

Na volta às aulas, reparos e projetos

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjrj.org.br

Recém-eleita diretora da Faculdade de Letras, a professora Sonia Cristina Reis recomeçará as aulas sem verba para as obras de emergência para estragos causados pelos últimos temporais. Problemas

no telhado provocam vazamentos em salas e auditórios. Duas árvores de grande porte podem cair a qualquer momento sobre a lateral do bloco H e um dos principais jardins. São pátios usados por alunos para tudo: estudar, conversar e comer.

A dirigente diz que tem apenas R\$ 17 mil do orçamento participativo (de

livre uso de cada curso) para reformar. Muretas de proteção, chamadas de guarda-corpo, estão bambas. “Estamos fazendo remendos por causa da falta de recursos”, desabafou.

A Faculdade de Letras praticamente dobrou seu público de 4,5 mil graduandos com a recepção de mais 3 mil alunos de Arquitetura e Urbanismo, da Escola de Belas Artes e do IPPUR, depois do incêndio de 2016.

MAIS MULHERES NA COPPE

Aos 55 anos de história, a Coppe UFRJ celebra um aumento expressivo de mulheres nos programas de mestrado e doutorado. De acordo com a diretora de Assuntos Acadêmicos, professora Claudia Werner, elas são 33% nas turmas de 2018. “Vemos com muito bons olhos essa mudança de perfil, que já havia na graduação e agora chega à pós. Mais diversidade tem tudo a ver com nossa proposta de incentivar projetos inovadores”, comemorou a diretora.

Claudia Werner destacou o crescimento da internacionalização. Em fevereiro, a Incubadora da Coppe foi classificada entre as 20 melhores do mundo, segundo o ranking da UBI Global. A excelência dos cursos é a chave do sucesso. “Nove de nossos treze programas foram avaliados como muito bons ou excelentes”, informou. Para ela, a Coppe vive um momento especial de renovação. Na última alocação de vagas (COTAV), a instituição foi contemplada com 18 concursos docentes com mais de 200 inscritos. “Esses doutorandos trarão uma injeção de gás importante”, observou a professora.

ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL TERÁ NOVA PRÓ-REITORIA

O reitor Roberto Leher anunciou, na última reunião do Conselho Universitário, 22 de fevereiro, o projeto de criar a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, a PR7. Essa era uma das principais propostas de campanha da atual reitoria. A instalação da PR-7 depende de aprovação do Consuni e estará na pauta do próximo encontro.

Hoje quem cuida da assistência estudantil é a Superest (Superintendência Geral de Políticas Estudantis), ligada à Reitoria.

Julia Brandes, do DCE Mário Prata, diz que a PR7 pode melhorar o atendimento a demandas dos alunos, como alojamento e bolsas. “Para além disso, é o peso político de ter uma pró-reitoria que discuta assistência de forma mais ampla, no patamar de outras pró-reitorias”, afirmou.

De acordo com Julia, a assistência aos estudantes é desproporcional à demanda. “O número de vagas para alojamento não chega nem perto do total de alunos, a oferta de bolsas só atinge cerca de 17% dos estudantes. É

a área que mais sofre com a crise, com a falta de verbas”, diz.

Já o professor Fernando Ribeiro, decano do Centro de Tecnologia, CT, é crítico ao processo e informou que vai se abster na votação do Consuni. Em sua avaliação, não é o momento para a criação de mais uma estrutura administrativa na universidade. “Vivemos uma crise, serão mais despesas com pessoal e estrutura. O problema é falta de verba. Uma pró-reitoria demanda mais custos que a Superest”, finaliza.

Ciência dá apoio a Carlini

Mais de 50 sociedades científicas brasileiras e 15 mil pessoas assinaram a manifestação pública de apoio ao cientista Elisaldo Carlini, professor emérito da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Aos 88 anos, Carlini foi chamado pela polícia a prestar esclarecimentos num inquérito que apura apologia ao crime.

A petição on line “Somos todos Carlini” repudia com veemência a investigação contra Carlini, mundialmente conhecido por seus estudos a

respeito do uso medicinal da Cannabis sativa, princípio ativo da maconha. O pesquisador organizou no ano passado um simpósio sobre o uso terapêutico da substância. Na programação havia uma mesa intitulada “Maconha e Filosofia”, com participação de uma pessoa que cumpre pena por plantar maconha. O preso pôde comparecer porque, no dia do evento, usava o indulto do Dia das Mães.

Organizada pela SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciên-

cia), com a Academia Brasileira de Ciências (ABC), a manifestação de apoio a Carlini está sendo divulgada pelo país e começou juntando as entidades de pesquisa. Professores e alunos também mostraram interesse em assinar, e por isso a iniciativa está agora aberta para participações individuais. Para assinar a manifestação basta acessar a página da SBPC

“Este ato atinge não apenas o grande pesquisador Elisaldo Carlini, mas todos os cientistas brasileiros e ameaça a liberdade de pesquisa e de expressão no país”, afirma a SBPC no texto da petição. O documento será encaminhado às autoridades.

Opção de lazer para docentes

> Adufrj prepara convênio com o Clube dos Empregados da Petrobras, no Fundão, em Macaé e no Recreio

Um convênio entre a Adufrj e o Clube dos Empregados da Petrobras (CEPE) permitirá que, a partir deste mês de março, associados da entidade sindical utilizem as instalações do clube no Fundão, no Recreio dos Bandeirantes e em Macaé. O professor sindicalizado na Adufrj pagará R\$ 62 mensais ao clube e terá livre acesso a todas as instalações.

Este valor já inclui todos os dependentes do professor. O associado da Adufrj que quiser aderir pode fazer o cadastro pelo site do CEPE e preencher a proposta. Outra opção é se dirigir à sede do clube, no Fundão, e procurar a

secretaria. O pagamento é feito ao clube, não à Adufrj. Segundo o professor Fernando Pereira Duda, diretor da Adufrj, o convênio amplia a oferta de lazer aos associados.

O CEPE-Fundão fica na Cidade Universitária e tem 26 mil metros quadrados de área, incluindo duas piscinas, duas quadras (uma polivalente e uma de tênis), campo de futebol soçaite, saunas seca e a vapor, além de um restaurante aberto diariamente. Há aulas de atividades variadas, como vôlei e basquete.

Também são oferecidos serviços de salão e academia, com mensalidade paga em separado pelo associado, mas sempre com preços mais baixos que o mercado. O professor sindicalizado que decidir se associar ao clube também poderá usar tais serviços, informou o presidente do CEPE-Fundão, Carlos Roberto Cordeiro.

A parceria entre a Adufrj e o CEPE permite ainda que o professor sindicalizado se beneficie dos convênios que o clube mantém com outros estabelecimentos, como farmácias, cartórios e lojas de produtos naturais, entre outros. O CEPE costuma realizar shows e eventos com desconto para sócios, e todos esses benefícios serão estendidos ao associado da Adufrj.

SERVIÇO

Site: cepefundao.com.br/index.asp
R. Lobo Carneiro, S/N - Cidade Universitária - Ilha do Fundão - RJ - CEP: 21941-972
Tels.: (21) 2162-6066 / 2162-6096 / 2162-6640 / 2162-6707

NOTAS

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

■ A Adufrj preparou uma campanha especial para o Dia Internacional da Mulher. Com identidade visual própria, mas respeitando as propostas do movimento mundial 8M, a campanha ocupará os campi e a Marcha do dia 8, na Candelária, no Centro da Cidade. Iremos colocar uma enorme faixa no prédio da reitoria, espalharemos banners e faremos uma edição especial do boletim com entrevistas com professoras e pesquisadores feministas. O lema da campanha A Luta pela Paz é Feminina remete aos impactos da intervenção militar no Rio de Janeiro e pretende denunciar que as mulheres e crianças são as mais castigadas pela brutalidade nas comunidades atingidas pela intervenção. Participe!



SERVIÇO

Marcha Nenhuma a Menos - Greve Internacional dos Mulheres Concentração - Candelária, 16h Saída - 18h

PLANTÃO JURÍDICO EM NOVO HORÁRIO

■ A partir deste mês, o plantão semanal do Jurídico na sede da Adufrj será às terças-feiras, das 10h às 13h. O plantão quinzenal das sextas-feiras se mantém nas datas já avisadas. Durante o plantão, um advogado fica na sede da Adufrj atendendo associados para esclarecer dúvidas e dar orientações sobre processos. É preciso agendar o atendimento. A consultoria é gratuita para o associado da Adufrj.

O plantão do Jurídico estará também no campus da UFRJ em Macaé. Haverá atendimento no dia 13 de março, das 11h às 13h, no Bloco B do Polo Universitário; e no dia 15/03, das 13h às 16h, na sala de reuniões do Nupem (Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Sócio-Ambiental).